

Agostinho de Hipona  
Confissões, cap XI (trechos)

Tradutores: Arnaldo do Espírito Santo / João Beato / Maria Cristina Castro-  
Maia de Sousa Pimentel

Link para a edição  
[http://www.lusosofia.net/textos/  
agostinho\\_de\\_hipona\\_confessiones\\_livros\\_vii\\_x\\_xi.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/agostinho_de_hipona_confessiones_livros_vii_x_xi.pdf)

[...]

[Os que contra-argumentam: Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra?]

X. 12. Não é verdade que estão cheios do homem velho aqueles que nos dizem: `Que fazia Deus antes de fazer o céu e a terra? Se estava ocioso, dizem eles, e nada fazia, porque é que não esteve sempre assim também daí em diante, da mesma forma que antes se absteve sempre de agir? Na verdade, se existiu em Deus algum movimento novo e uma nova vontade de criar um ser, que antes nunca fora criado, como é que há uma verdadeira eternidade, quando nasce uma vontade que antes não existia? Pois, a vontade de Deus não é uma criatura, mas existe antes da criatura, porque nada seria criado, se a vontade do Criador não precedesse. Logo, a vontade de Deus pertence à sua própria substância. Ora, se na substância de Deus nasceu alguma coisa que antes não existia, não se diz, com verdade, que tal substância é eterna; mas se a vontade sempiterna de Deus era que existisse a criatura, por que razão também a criatura não é sempiterna?'

[Resposta: a eternidade de Deus não conhece tempo]

XI. 13. Aqueles que isto dizem ainda não te compreendem, ó sabedoria de Deus, ó luz das mentes, ainda não compreendem como são feitas as coisas que por meio de ti e em ti são feitas, e esforçam-se por saborear as realidades eternas, mas o seu coração esvoaça ainda nos movimentos passados e futuros das coisas, continuando vazio. Quem poderá detê-lo e fixá-lo, a fim de que ele pare e por um momento capte o esplendor da eternidade sempre fixa, e a compare com os tempos nunca fixos, e veja que ela é incomparável, e veja que um longo tempo não é longo senão a partir de muitos momentos que passam e não podem alongar-se simultaneamente; veja, pelo contrário, que, no que é eterno, nada é passado, mas tudo é presente, enquanto nenhum tempo é todo ele presente: e veja que todo o passado é obrigado a recuar a partir do futuro, e que todo o futuro se segue a partir de um passado, e que todo o passado e futuro são criados e derivam daquilo que é sempre presente? Quem poderá deter o coração do homem, a ponto de ele parar e ver como a eternidade, que é fixa, nem futura nem passada, determina os tempos futuros e passados? Será que, porventura, a minha mão consegue isto, ou que a mão da minha boca, que se manifesta falando, realiza tão grande intento?

[Que fez Deus antes da criação do mundo?]

XII. 14. Eis a minha resposta a quem diz: Que fazia Deus antes de fazer o céu e a terra? Não lhe dou aquela resposta que alguém, segundo se diz, terá dado, iludindo com graça a violência da pergunta: Preparava, disse, a geena para aqueles que perscrutam questões tão profundas. Uma coisa é ver, outra coisa é rir. Esta não é a minha resposta. Preferiria responder: `Não sei o que não sei', em vez de dar uma resposta que pusesse a ridículo quem formulou questão tão profunda e gabasse quem respondeu erradamente. Mas eu afirmo, ó nosso Deus, que tu és o criador de toda a criatura e, se sob a designação de `céu e terra' se entende toda a criatura, não hesito em afirmar: `Antes de Deus fazer o céu e a terra, não fazia coisa alguma'. Com efeito, se fazia alguma coisa, que coisa fazia senão a criatura? E oxalá assim eu possa saber tudo aquilo que, utilmente, desejo saber, tal como sei que não estava criada nenhuma criatura antes de ser criada alguma criatura.

[Antes dos tempos criados por Deus, não havia tempo]

XIII. 15. Mas se algum sentido volúvel vagueia pelas imagens dos tempos anteriores à criação e se admira de que tu, Deus onipotente, e criador e sustentáculo de todas as coisas, artífice do céu e da terra, durante inumeráveis séculos te abstiveste de tão grande obra, antes de a fazeres, ele que desperte e repare que se admira de coisas falsas. Com efeito, como podiam ter passado inumeráveis séculos, que tu próprio não tinhas feito, sendo tu o autor e criador de todos os séculos? Ou que tempos teriam existido que não tivessem sido criados por ti? Ou como podiam ter passado se nunca tivessem existido? Sendo tu o obreiro de todos os tempos, se existiu algum tempo antes de fazeres o céu e a terra, por que motivo se diz que tu te abstinhas de agir? De facto, tu tinhas feito o próprio tempo, e os tempos não puderam passar, antes de tu fazeres os tempos. Se, no entanto, não existia nenhum tempo antes do céu e da terra, por que razão se pergunta o que fazias então? Na realidade, não havia `então', quando não havia tempo.

[...]

[As três espécies de tempo: passado, presente, futuro]

XIV. 17. Não houve, pois, tempo algum em que não tivesses feito alguma coisa, porque tinhas feito o próprio tempo. E nenhuns tempos te são co-eternos, porque tu permaneces o mesmo; ora, se os tempos permanecessem os mesmos, não seriam tempos. Que é, pois, o tempo? Quem o poderá explicar facilmente e com brevidade? Quem poderá apreendê-lo, mesmo com o pensamento, para proferir uma palavra acerca dele? Que realidade mais familiar e conhecida do que o tempo que evocamos na nossa conversação? E quando falamos dele, sem dúvida compreendemos, e também

compreendemos, quando ouvimos alguém falar dele. O que é, pois, o tempo? Se ninguém me pergunta, sei o que é; mas se quero explicá-lo a quem me pergunta, não sei: no entanto, digo com segurança que sei que, se nada passasse, não existiria o tempo passado, e, se nada adviesse, não existiria o tempo futuro, e, se nada existisse, não existiria o tempo presente. De que modo existem, pois, esses dois tempos, o passado e o futuro, uma vez que, por um lado, o passado já não existe, por outro, o futuro ainda não existe? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse a passado, já não seria tempo, mas eternidade. Logo, se o presente, para ser tempo, só passa a existir porque se torna passado, como é que dizemos que existe também este, cuja causa de existir é aquela porque não existirá, ou seja, não podemos dizer com verdade que o tempo existe senão porque ele tende para o não existir?

[...]

20.[...] Se se puder conceber algum tempo que não seja susceptível de ser subdividido em nenhuma fracção de tempo, ainda que a mais minúscula, esse é o único a que se pode chamar presente; mas este voa tão rapidamente do futuro para o passado que não se estende por nenhuma duração. Na verdade, se se estende, divide-se em passado e futuro: mas o presente não tem extensão alguma.

[...]

XVIII. 23. [...] Por conseguinte, onde quer que estejam e quaisquer que sejam, não existem senão como presentes. Ainda que se narrem, como verdadeiras, coisas passadas, o que se vai buscar à memória não são as próprias coisas que já passaram, mas as palavras concebidas a partir das imagens de tais coisas, que, ao passarem pelos sentidos, gravaram na alma como que uma espécie de pegadas.

[...]

24. Assim, qualquer que seja a natureza deste misterioso pressentimento do futuro, não se pode ver senão o que existe. Ora, o que já existe não é futuro, mas presente. Por isso, quando se diz que se vêem coisas futuras, não se vêem essas mesmas coisas, que ainda não existem, ou seja, que hão-de existir, mas sim as suas causas ou, talvez, os seus sinais; estes já existem: por isso, não são futuros, mas já presentes para os que os vêem, e, a partir deles, são preditas as coisas futuras concebidas no espírito. As imagens dessas coisas, por sua vez, já existem, e vêem-nas como presentes, dentro de si, aqueles que predizem tais coisas.

[...]

[Como designar as três espécies de tempo?]

XX. 26. Uma coisa é agora clara e transparente: não existem coisas futuras nem passadas; nem se pode dizer com propriedade: há três tempos, o passado, o presente e o futuro; mas talvez se pudesse dizer com propriedade: há três tempos, o presente respeitante ao às coisas passadas, o presente respeitante às coisas presentes, o presente respeitante às coisas futuras. Existem na minha alma estas três espécies de tempo e não as vejo em outro lugar: memória presente respeitante às coisas passadas, visão presente respeitante às coisas presentes, expectativa presente respeitante às coisas futuras. Se me permitem dizê-lo, vejo e armo três tempos, são três. Diga-se também: os tempos são três, passado, presente e futuro, tal como abusivamente se costuma dizer; diga-se. Pela minha parte, eu não me importo, nem me oponho, nem critico, contanto que se entenda o que se diz: que não existe agora aquilo que está para vir nem aquilo que passou. Poucas são as coisas que exprimimos com propriedade, muitas as que referimos sem propriedade, mas entende-se o que queremos dizer.